

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Lílian Gleisia Alves dos Santos¹
Aline Oliveira da Silva²
Ana Cristina Ramires³
Rízia Nayara Celestino da Silva⁴

RESUMO

O relacionamento professor-aluno é um fator importante no que tange ao processo educativo, tendo em vista que as interações estabelecidas em sala de aula podem contribuir no processo ensino-aprendizagem. A partir desta consideração sobre as interações, questiona-se se há um tipo de relação que possa favorecer melhores resultados na aprendizagem do aluno. O presente trabalho teve como objetivo geral analisar os tipos de relação existentes entre professor-aluno, seus impactos no processo ensino-aprendizagem e possíveis resultados positivos ou negativos na aprendizagem do aluno. A pesquisa tem abordagem qualitativa. Os dados foram viabilizados por meio de questionário semiestruturado, e observações do pesquisador na sala de aula, de modo a trazer respostas a este estudo. Participaram da pesquisa 34 alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual de Salinas - MG e o professor de Biologia desta turma, durante o segundo semestre de 2018. Os dados obtidos apontam que tanto professor quanto aluno valorizam uma boa comunicação e um bom relacionamento na sala de aula, e ainda sobre a importância dessa junto aos materiais, métodos e formação técnica. Portanto, as interações afetivas e dialógicas na sala de aula favorecem a aprendizagem, a dinâmica do ensinar e do aprender.

Palavras-chave: Processo ensino-aprendizagem, Interações, Relação professor-aluno, Relacionamento.

INTRODUÇÃO

A interação do homem na sociedade tem fundamental importância em todo processo de aprendizagem humana. Na escola, espaço onde o ser humano passa a maior parte da infância e adolescência, é possível notar a necessidade de se estabelecer um diálogo, com o objetivo de que o processo ensino-aprendizagem possa fluir e dessa maneira o aluno aprender e construir conhecimento. Sendo assim, a relação professor-aluno é importante para que se tenha bons resultados no contexto da sala de aula.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - PPGMLS/UESB. Mestra em Educação pela UESB-BA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – *campus* Salinas, liliangleisiasantos@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG, alinesoraia321@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG, crisnaramires5020@gmail.com;

⁴ Graduada pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais - IFNMG, rizia_nayara@hotmail.com;

Tendo em vista a importância de uma educação de qualidade e eficiente, é necessário levantar quais os fatores que podem ou não interferir nesse processo. A partir de observações durante a semirregência da disciplina no Estágio Curricular Supervisionado IV, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, percebeu-se os diferentes tipos de relação que professor e alunos podem construir no contexto da sala de aula.

Como consequência desse contexto, surgiu o questionamento: A relação professor-aluno pode facilitar ou dificultar o processo ensino-aprendizagem? Há um tipo de relação que favoreça melhores resultados na aprendizagem do aluno? Para responder tais propostas, análises e observações foram realizadas no ambiente escolar para constatação das relações existentes entre professor-aluno, bem como considerações acerca da percepção desses no processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho teve como objetivo geral analisar os tipos de relação existentes entre professor-aluno, seus impactos no processo ensino-aprendizagem, e possíveis resultados positivos ou negativos na aprendizagem do aluno, numa escola pública estadual do município de Salinas - MG. Para tanto, fez-se necessário: identificar os tipos de relação professor-aluno em sala de aula e sua influência na aprendizagem; descrever as relações professor-aluno sob a visão de ambos; e verificar como o estudante e professor associam a relação professor-aluno com o envolvimento no processo ensino-aprendizagem.

Para efetivação da pesquisa, optou-se pela metodologia de abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso. Os sujeitos participantes foram 34 alunos de uma turma de 3º ano do ensino médio e o professor de Biologia da mesma turma, durante o segundo semestre letivo do ano de 2018. Observou-se 60 horas/aulas de Biologia ministradas pelo professor, que se dispôs a colaborar com a pesquisa. Para levantamento dos dados, utilizou-se de questionários, observação, diário de bordo, e por fim, realizaram-se análises por categorias.

A pesquisa evidenciou que a relação entre docente e aprendiz influencia o processo educativo. A existência do diálogo gera a comunicação, que facilita a participação do aluno nas aulas. Quando o aluno participa e é escutado, ele sente confiança para sanar suas dúvidas. Sabe que se se pronunciar, isto é, falar e questionar, será ouvido e obterá respostas.

Sendo assim, estabelecer uma relação dialógica em sala de aula é um requisito de suma importância para favorecer o processo ensino-aprendizagem, pois, por meio dela, se esclarece as ações que se efetivarão nesse contexto, regras são discutidas, conteúdos são contextualizados, ocorre troca de experiências e, assim, conhecimentos são construídos e compartilhados. Parte-se então do pressuposto de que as interações são elemento importante no processo de desenvolvimento humano.

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: QUE ELEMENTO É ESSE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM?

As interações sociais proporcionam desenvolvimento, auxiliam na formação da identidade e na orientação de comportamentos. Mesmo que a interação tenha raízes biológicas, considera-se que não é o bastante para a completude e evolução do ser humano. A combinação da capacidade da interação por meio da via biológica, mais a interação social direcionada para alguma finalidade, permitem que a comunicação resulte na aprendizagem e no desenvolvimento de funções internas, como a concentração e o controle dos pensamentos, e também da linguagem, que se transpõe em ações externas aos indivíduos (NASCIMENTO, 2004). O desenvolvimento aqui citado diz respeito à forma que o ser humano incorpora e sistematiza no seu interior a partir do que é observado ao seu redor, ou ensinado propositadamente (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Nascimento (2004) explica que as etapas de desenvolvimento da criança ocorrem por meio das interações que ela tem com adultos, com objetos e o ambiente. Afirma ainda que nessas interações aprende o que está ao seu redor por experimentos e observação, construindo assim o seu eu. “Nessas etapas, as formas de atividades construídas pela criança passam por reformulações. Ora preponderam os aspectos afetivos, voltados para o mundo humano, ora os cognitivos, voltados para o mundo físico” (NASCIMENTO, 2004, p.52).

Na área educativa e pedagógica, essas observações em relação ao aprendizado e desenvolvimento são consideradas relevantes. A contribuição na área pedagógica consiste na indicação de que o processo educativo deve ser capaz de abranger a criança como um todo, nos seus “aspectos intelectual, afetivo e motor integrados, sem privilegiar o cognitivo” (NASCIMENTO, 2004, p. 64). Quando no processo educativo são ressaltados esses aspectos na criança, introduz-se a psicologia, que faz a leitura do comportamento, das emoções, percepções e interação no espaço escolar. Sua contribuição para a educação, de acordo Viana (2016, p. 66), está na análise de:

Condições de aprendizagem, avaliação das capacidades intelectuais e afetivas que se relacionam com o processo de aprendizagem dos indivíduos, além de ampliar a percepção dos educadores sobre os diversos aspectos do desenvolvimento de crianças e adolescentes, e a relação destes com os fatores sócio culturais que se estabelecem no meio educacional.

A psicologia, portanto, é uma ferramenta, que, aplicada à educação, facilita o ensino e a aprendizagem. Conhecendo o aluno e sua personalidade, o sistema educacional pode, assim,

adotar o processo de ensino-aprendizagem que melhor estimule a aprendizagem. E também auxilie os educadores nas questões comportamentais e metodológicas do trabalho.

Percebe-se que a aplicação da psicologia no campo educacional ocorre de forma eficiente, tendo em vista que a cognição, o pensamento e as interações são seus objetos de estudo, que, por sua vez, são a base para o processo educativo. Enquanto ciência dos processos mentais e comportamentais humano, intervém na educação de forma positiva no sentido de suporte ao educador para com o aprendiz (LEITE, 2018).

Os professores são sujeitos sócio-culturais, “[...] personagens de antigo e singular ofício, atores sociais de grande visibilidade” (TEIXEIRA, 1996, p. 179), trata-se de sujeitos que exercem atividades de ensino em realidades sócio-históricas. O docente exerce seu labor por uma demarcação de relação professor-aluno, relação mediada pelo conhecimento que se efetiva num espaço sócio-histórico construído – a escola – ambiente destinado especificamente para o processo didático-pedagógico. É uma interação que se efetiva por uma relação de troca, em que ambos, professor e alunos, aprendem pela dinâmica da circulação de conhecimentos formais e informais (TEIXEIRA, 1996).

Partindo do pressuposto de que ser professor “[...] implica lidar com outras pessoas (professores) que trabalham em organizações (escolas) com outras pessoas (alunos) para conseguir que estas pessoas aprendam algo (se eduquem)” (FLODEN E BUCHMANN, 1990, p. 45 *apud* GARCIA, 1995, p. 23), não é suficiente que ele saiba o conteúdo da disciplina apenas, é necessário que haja um envolvimento e uma relação para a partir dessa proximidade, adicionar técnicas didáticas de produção e propagação de conhecimento. Faz-se necessário que o docente procure conhecer o aluno e criar vínculo. Tal ação é valorosa para o professor, pois facilita o processo de ensinar, uma vez que direciona para que e para quem se ensina, além de deixar o aluno confiante para se expressar durante o ensino-aprendizagem.

Libâneo (1994) e Freire (2007) apontam a partir das suas abordagens uma ampla demonstração sobre essa relação professor-aluno e a importância do diálogo que serve como instrumento desse processo. Ele defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres. E para compreender melhor essa prática dialógica, Freire (2010, p. 91) acrescenta que:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar

ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Nessa perspectiva, deve-se levar em conta que o ensino e a educação são os caminhos para a formação, e quem conduz esse processo auxiliando o aluno na construção do conhecimento são os professores. A realização desse trabalho ocorre de forma interativa, e tem como protagonistas o docente e o aluno, sendo o primeiro o trabalhador, e o segundo o objeto a ser trabalhado (TARDIF; LESSARD, 2010).

Levando em conta, ainda, que cada aluno tem um perfil, e reunindo esses diferentes perfis em uma sala de aula ao mesmo tempo, exige que o professor busque utilizar técnicas que estimulem a participação e interação dos alunos no processo ensino-aprendizagem. Devido às várias personalidades reunidas em um só ambiente, a possibilidade de conflitos existe. Cabe então ao professor direcionar essa diversidade para o objetivo de aprender a partir das diferenças e com as diferenças.

Apesar de o professor ter que promover esse processo de ensino e alcançar os objetivos e metas estabelecidos para a docência, nem sempre ele está no controle, podendo haver interferência do ambiente em que está inserido e também do comportamento dos alunos, como dito por Tardif e Lessard (2010). Corroborando as ideias destes autores, Zabala (1998, p. 93) aborda que:

A complexidade dos processos educativos faz com que dificilmente se possa prever com antecedência o que acontecerá na aula. Agora, este mesmo inconveniente é o que aconselha que os professores contem com o maior número de meios e estratégias para poder atender as diferentes demandas que aparecerão no transcurso do processo de ensino/aprendizagem.

Nesta óptica, o docente atua sobre um objeto a fim de modificá-lo por meio de ferramentas e técnicas. Ele realiza seu trabalho com/sobre os alunos, modificando seu estado de conhecimento por meio de atividades, métodos, e materiais didáticos, promovendo, assim, o aprendizado.

Portanto, é importante o estabelecimento de relações interativas no ambiente escolar, e elas podem resultar em um processo de ensino satisfatório ou não, haja vista que, na construção dessas relações, o docente conta com meios de promover o ensino. Compreende-se que a educação é complexa, vai além das ações pedagógicas, abrange questões de cunho social. Os métodos adotados devem ir ao encontro do desenvolvimento cultural e intelectual, para assim dilacerar a dominação e sobreposição de grupo ou classe.

O processo educacional com a participação efetiva de seus atores tem maior chance de se efetivar com o envolvimento desses. O aluno colabora na aprendizagem com sua receptividade ao que é proposto, quando indica qual melhor método por meio de seu desempenho, com sua disposição e capacidade investigativa, sugestões de maneiras de fazer uma atividade diferente, entre outras.

O docente, por sua vez, para conseguir a participação do aluno nas atividades, bem como sua motivação para aprender, em seu convívio e comunicação com os alunos, deve revelar-se como é verdadeiramente, sem múltiplas facetas, colocando-se em posição de parceiro colaborador, e a partir de que seus alunos poderão adquirir confiança para uma boa relação. Não é à toa que alguns estudiosos e escritores de livros abordam que as mais diversas interações entre os seres humanos geram aprendizado.

Tardif (2005) assevera que o processo de ensino ocorre através de três elos: professor; aluno; e atividade didática. Nessa óptica, o autor defende que a carreira docente é uma “[...] profissão de relações humanas, a docência distingue-se assim da maioria das outras ocupações em que a relação com os clientes são individualizadas, privadas, secretas (advogado, terapeuta, médico, etc.)” (TARDIF, 2005, p. 68). Esse autor acrescenta ainda que o professor atua com um grupo de alunos de forma coletiva, modificando suas ações e interações em grupo, o que não ocorre nas profissões citadas acima e por estar à frente do grupo, o que o docente faz, refletirá nas ações e comportamentos dos alunos.

Os métodos didáticos usados para facilitar a aprendizagem são tão importantes quanto a relação pessoal entre professor-aluno. Quando o aluno pratica e se envolve no processo de ensino, a aprendizagem se torna mais efetiva. Esse crescimento e amadurecimento são apontados pelos alunos quando o professor permite a liberdade do aluno na construção do conhecimento. Dessa forma, LOPES (1996, p. 111) afirma:

Cabe ao professor o desafio de transformar sua prática pedagógica de modo a garantir um espaço de interação em que haja a possibilidade de participação e troca de todos os alunos, sem privilegiar apenas aqueles que se destacam nas iniciativas ou verbalizações. É fundamental nessa interação que o professor assuma o papel de interlocutor mais experiente, contribuindo efetivamente para que todos os alunos, indistintamente, consigam apropriar-se dos conhecimentos [...].

Em palavras diretas, os alunos são pensantes, têm vontades e atitudes próprias; sendo assim, o que se aplica em um deles não terá o mesmo efeito em todos.

Nesse contexto, o ensino não é uma relação mecânica. O professor tem como objeto de trabalho seres humanos, os quais têm um comportamento individual, um ritmo de aprendizado diferente. A partir dessas considerações, é importante que o docente construa seu planejamento determinando as técnicas e estratégias de ensino que possam alcançar a todos.

Nota-se a importância da relação entre professor e aluno para uma melhor construção do conhecimento sem gerar estresse ou conflito. Convergentes a essas reflexões, Leite e Tagliaferro (2005) destacam que as práticas pedagógicas que se constituem a partir da relação professor-aluno, promovem a construção do conhecimento e também vão marcando afetivamente a relação com o objeto a ser conhecido. A futura relação que se estabelece entre o aluno e o objeto de conhecimento não é somente cognitiva, mas também afetiva.

A afetividade inerente às relações humanas, aqui tratada como interação e vínculo possível entre professor-aluno, não pode ser confundida a ponto de interferir e acometer nos resultados pendendo para o benefício ou prejuízo de um ou outro. Dessa forma:

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 2007, p. 141).

E essa mesma afetividade não se caracteriza apenas por contato físico, mas também pelo interesse do professor no desenvolvimento do aluno; por parte do aluno quando este se encontra interessado nas atividades propostas; na motivação tanto do professor para trabalhar e ensinar, quanto do aluno que se encontra receptivo ao ensino. Ela acontece também por meio da comunicação entre professor-aluno, nas orientações, expressões verbais ou não, entusiasmo no ambiente escolar, estímulos para realização de atividades etc.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se efetivou por meio de levantamento de informações de experiências, opiniões e comportamentos no que se refere aos tipos de relações entre professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem. Essas relações abordadas são consideradas importantes para promoção do ensino. Considerando que as questões em estudo não pendem para dados e análises numéricas, portanto, tem fundo qualitativo, o qual busca explicar o fato estudado (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Para desenvolvimento deste trabalho, elegeu-se como método o estudo de caso, já que o objeto de estudo é bem definido, e

o qual requer do pesquisador considerável dedicação e investigação para compreensão acentuada do caso (GIL, 2002).

O trabalho desenvolvido teve como objeto de estudo as interações e relações produzidas numa turma do 3º ano do Ensino Médio numa escola pública estadual do município de Salinas-MG, alunos estes com idades entre 17 e 25 anos, e o professor de Biologia desta turma, que trabalha na área há cinco anos. Os atributos, no aspecto de relacionamento e interações (relação professor-aluno) dessa turma, oportunizaram a teorização sobre os fatores influenciadores no processo ensino-aprendizagem.

O instrumento de coleta de dados aqui utilizado foi o questionário semiestruturado, a observação e o diário de bordo. O questionário é “[...] um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (GIL, 2002, p.114). O questionário semiestruturado conta com alternativas e questões que requerem dos pesquisados respostas e opiniões próprias. Ressalta-se que o questionário aplicado ao professor é diferente do questionário aplicado aos alunos, haja vista que esses têm percepções sobre diferentes aspectos no que se refere às relações em sala de aula. No questionário para o professor, foram feitas oito perguntas, com uma dessas trazendo itens com opções de resposta. Não foi solicitada a identificação dos participantes da pesquisa. Assim, os alunos são identificados neste trabalho com a letra A, e o número ao qual corresponde seu questionário, por exemplo A1 (aluno 1). A identificação para o professor é dada pela letra P.

O diário de bordo, outro instrumento utilizado na pesquisa, compreende anotações, comentários e reflexão, que são colhidos no campo de pesquisa. As anotações no diário de bordo são das observações consideradas relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, sendo que Gil (2002) afirma que a partir das observações, cria-se hipóteses. E como este trabalho está sujeito a desenvolvimento de hipóteses, as observações durante a pesquisa foram imprescindíveis.

Com as duas visões coletadas, foram elas analisadas, sob as diferentes percepções, tanto dos alunos quanto do professor. Por intermédio desse resultado, identificou-se as possíveis relações que auxiliam na promoção do ensino-aprendizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro momento, buscou-se as percepções dos alunos acerca do ambiente da sala de aula. Quando questionados sobre como o professor interage com os alunos ao ministrar as aulas, as observações são relativamente superficiais. Os alunos descreveram os

materiais usados pelo professor e sua metodologia, citando minúcias de interação entre eles. No primeiro questionamento, filtrou-se uma visão generalista dos alunos sobre a aula e sua dinâmica. As respostas apontam um padrão na didática das aulas, tanto nos métodos como nas interações. Assim, a percepção dos alunos quanto à sala de aula foi diferenciada, sendo que parte deles tem um olhar direcionado aos métodos do professor, outra menciona a interação. As duas maneiras são válidas pois fazem parte do processo e acontecem de fato em sala de aula.

A segunda questão diz respeito se o aluno percebe em algum momento da aula a preocupação do professor com seu aprendizado. Com esta pergunta, busca-se estimular os alunos a descreverem as interações e atitudes do professor para com eles. Os mesmos responderam descrevendo a cobrança do professor pela disciplina e ordem da turma, e também exigindo dos alunos realização das atividades aplicadas. A partir das respostas, com a cobrança do professor, os alunos entendem que é importante para eles a compreensão dos conteúdos. Inclusive A2, A11 e A12 relatam que o professor tenta conscientizá-los a partir de conversas de como os alunos vão precisar dos estudos para seu futuro profissional.

Mediante as observações, o professor procura estabelecer uma boa gestão da turma com o intuito de garantir o processo ensino-aprendizagem. Para isso ele utiliza de ações como: requisitar do aluno uma resposta de uma atividade de forma oral e aleatória, gerando um efeito surpresa, fazendo com que os alunos fiquem atentos; delega funções para que se sintam responsáveis e importantes para o processo ensino-aprendizagem; e, em casos de indisciplina, como conversas paralelas e não realização de todas as atividades, o professor tem uma conversa definitiva com os envolvidos. Em alguns momentos, quando chega ao extremo a falta de compromisso dos alunos com o processo educativo, o docente dispõe alguns minutos da aula para advertir sobre as consequências das atitudes deles, e as possíveis punições.

Na terceira indagação, os alunos foram questionados quanto às características do que consideram ser “um bom professor”. Algumas características de bom professor apontadas merecem destaque, a saber: A8 e A20 dizem que estão nas práticas de ensino e, também, no diálogo. A27 e A31 ressaltam que o bom professor é um profissional, mas que também não deixa de ser um ser humano, que pode ser amigável com os alunos.

O diálogo e as práticas de ensino no processo ensino-aprendizagem estão em consonância com as ideias de Paulo Freire (2007), em que enfatiza a comunicação e o diálogo como parte da essência do ser humano. O autor afirma que com esses fatores, a tarefa de

ensinar ocorre de forma fluida, e o aluno não se torna apenas um ouvinte passivo nesse processo.

Por outro lado, treze alunos consideram ser um bom professor aquele que tem domínio das técnicas de ensino e domínio do conteúdo, isso é o que os atrai. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que os alunos apesar de não ter conhecimento teórico sobre a pedagogia histórico-crítica, percebem a técnica de ensino como “[...] instrumento de emancipação e de diálogo. [...] As técnicas de ensino estão subordinadas às finalidades, aos processos metodológicos que se filiam certamente às finalidades educativas mais amplas (VEIGA, 2013, p. 48). Haja vista que, durante o acompanhamento do processo educativo do estágio IV, percebeu-se que os alunos não gostam de aulas monótonas e querem sempre participar ativamente, questionando, exemplificando e reconfigurando seus conhecimentos.

Seis alunos responderam mencionando a interação. O bom professor, para esses, é aquele que é capaz de interagir com os discentes. Quatorze alunos atribuem ao bom professor a capacidade de compreensão do aluno enquanto ser humano e de suas dificuldades, além da preocupação em deixar claro o conteúdo para que todos aprendam. Apenas um desses alunos não respondeu a questão.

As considerações acerca do modelo de bom professor dos alunos conferem com as características apresentadas por Tardif (2005), ao afirmarem que o processo educativo tem a participação do professor, do aluno, da didática e do método empregado por meio de um processo interativo/participativo e dinâmico. A interação entre esses atores é relevante, haja vista que o aprendizado é resultante dessa dinâmica.

Na indagação anterior, pontuaram o que é ser um bom professor, em seguida (questão número quatro), analisam se o seu professor tem essas características. De certa maneira, as questões três e quatro complementam-se. Os alunos responderam que consideram o professor de biologia um bom professor, e justificam isso pela relação de amizade, por fazer uma boa explicação do conteúdo para atingir o aprendizado. Cinco alunos avaliam que ele é um bom professor, mas não justificam o motivo. E por fim, quatro alunos mencionaram os modos de interação do professor de biologia como fundamento que o classifique como um bom professor. Um aluno não respondeu.

Assim como demonstrado nas respostas dos educandos, durante as aulas foram identificadas posturas dos alunos que demonstram sentimentos de afetividade e amizade pelo professor, e esse vínculo é recíproco. Essas interações, ao longo do período e da proximidade, deixam de ser cognitiva e passam a ser afetivas, ora se misturam (NASCIMENTO, 2004).

A psicologia, estudando a dimensão interna do desenvolvimento humano, contribui no processo educativo por meio de seus estudos. E uma das suas colaborações ressalta que para ensinar e desenvolver, é imprescindível que o aprendiz seja abarcado na sua totalidade, nas suas perspectivas cognitivas, motor e afetivo. No momento do processo educativo, o intelecto e o cognitivo não dissociam do afetivo (NASCIMENTO, 2004).

Para entender como os alunos distinguem as interações do professor com o coletivo, e do professor com o indivíduo, elaborou-se as questões cinco e seis, em que se perguntou como ocorre a interação em ambos os sentidos, pois, cabe considerar que cada aluno tem uma forma própria de interagir com o professor. Dessa maneira, os questionamentos abordam o diálogo do professor com a turma e com o aluno individualmente.

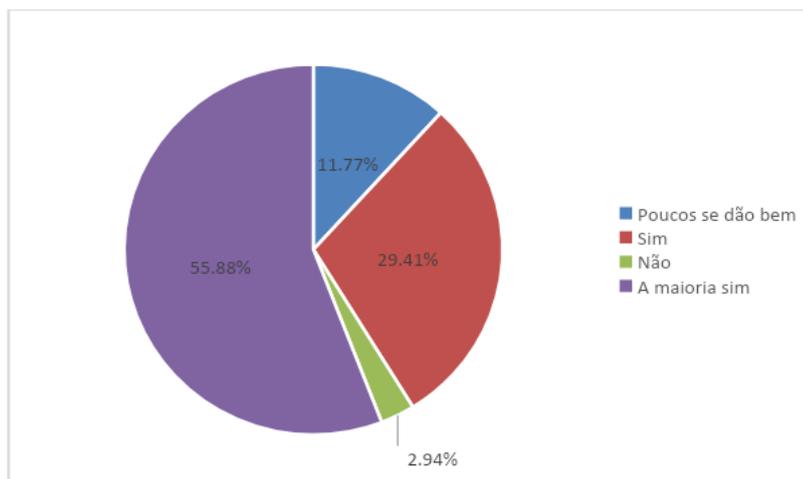
Nas respostas, observou-se que parte dos alunos limitaram a categorizar as interações como boas, ótima, excelente, tanto no critério coletivo quanto no individual. A saber: na questão cinco, 29 alunos disseram que o diálogo é bom; quatro disseram que é ótimo; e um aluno não respondeu. Nos momentos presentes no campo da pesquisa, em observações diretamente na sala de aula, notou-se que realmente há uma boa relação com cada aluno. O docente é prestativo para as demandas apresentadas pelos alunos, e receptivo a questionamentos, sugestões, além de ter uma boa comunicação com todos.

A questão de número seis trata do relacionamento do professor com a turma. Vinte e três alunos indicam que o diálogo com a turma é ótimo; dez alunos dizem ter um bom diálogo; e um não respondeu. Na sétima questão, perguntou-se aos alunos quanto às atitudes do professor: se os estimulam a estudar e aprender. As respostas indicam atitudes firmes do docente como a cobrança por resultados, a disposição em repetir explicações para melhor compreensão, o estímulo para uma possível graduação, e até mesmo por relatos da vida pessoal do professor que podem fazer com que espelhem para atingir uma melhoria de vida. Doze alunos citam como atitudes o diálogo e conselhos de estímulos a aprender. Outros doze pontuam a exigência realizada pelo professor para executar atividades propostas em sala de aula. Dois alunos não responderam. E um aluno menciona que não detecta nenhuma atitude por parte do professor, afirmando que o interesse é procedente dele mesmo.

Além da percepção da sala de aula, os alunos foram indagados quanto ao relacionamento entre todas as pessoas na escola por meio da questão oito. Esta se subdivide em três, sendo A, B, e C. Cada uma dessas três interrogativas, conta com quatro alternativas. As respostas foram organizadas por meio de gráficos.

Nesta escola, os professores e os alunos geralmente se dão bem uns com os outros?

Gráfico 1: A relação professor-aluno numa escola pública estadual do município de Salinas – MG

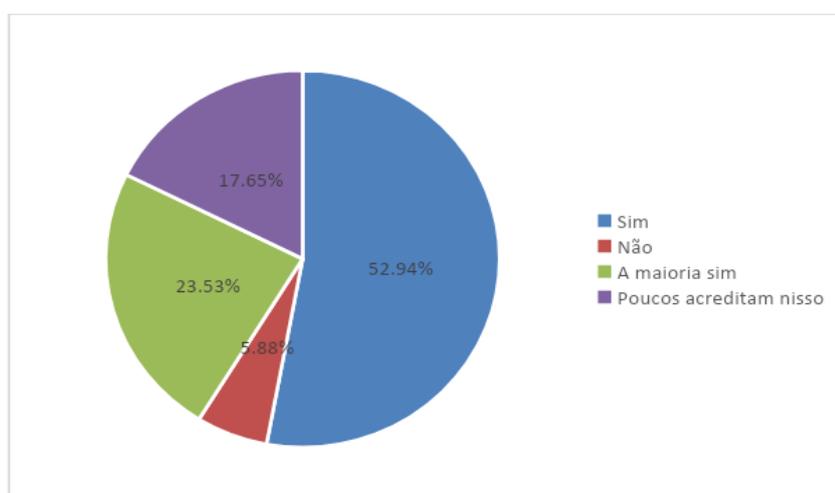


Fonte: Dados do questionário aplicado pelas pesquisadoras (2018).

É perceptível que, mais da metade consideram que a maioria das interações é harmoniosa, enquanto 29,41% afirmam que todos se dão bem. Já 11,77% julgam que poucos se dão bem, e 2,94% dizem que não se dão bem.

O gráfico abaixo reflete a opinião dos alunos quanto aos professores entenderem ser importante o bem-estar deles. Neste, 52,94% respondem que os professores acreditam que o bem-estar dos alunos é importante; 23,53% dos alunos dizem que a maioria dos professores acreditam que o bem-estar deles é importante. No entanto, 17,65% julgam que poucos professores acreditam na importância do bem-estar, e por fim, 5,88% responderam que os professores não acreditam na importância do bem-estar dos alunos ser importante.

Gráfico 2: A importância do bem-estar dos alunos na escola.

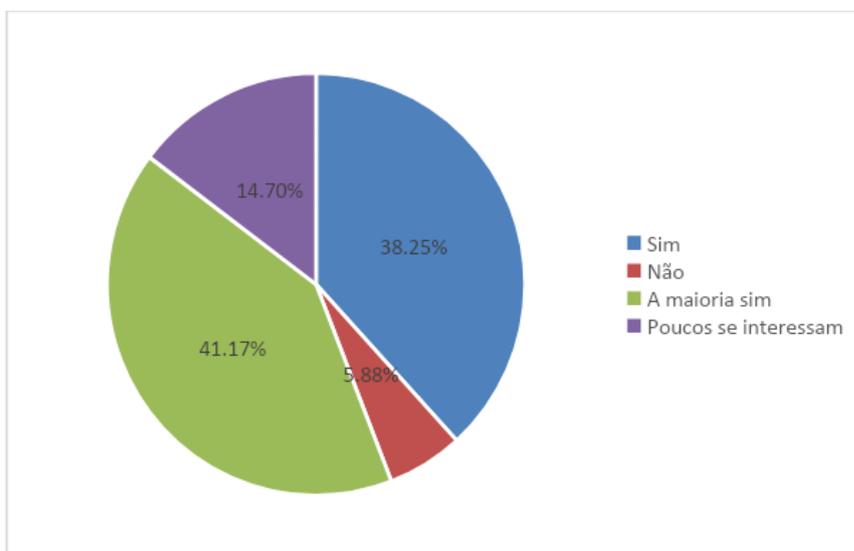


Fonte: Dados do questionário aplicado pelas pesquisadoras (2018).

Ressalta-se aqui que, de acordo anotações referentes às observações, os professores procuram tomar decisões e adotar ações visando ao sucesso da aprendizagem. Para explicar porque alguns alunos consideram que poucos ou nenhum professor acreditam que o bem-estar dos alunos é importante, supõe-se que a concepção de bem-estar pode ser diferente de pessoa para pessoa. E ainda que nessas decisões há fatores que são considerados, que podem não corresponder a uma satisfação completa por parte do aluno.

O terceiro e último gráfico desta pesquisa ilustra as opiniões dos alunos sobre “os professores estarem interessados ou não no que eles percebem ou têm a dizer”. Essa questão está diretamente ligada às interações na sala de aula. 41,17% dos alunos afirmam que a maioria dos professores estão interessados em ouvi-los; 38,25% concordam que os professores demonstram interesse sobre o que eles percebem ou têm a dizer. Outros 14,70% acreditam que poucos professores se interessam em ouvi-los, e 5,88% concordam que os professores não estão interessados no que eles percebem ou têm a dizer.

Gráfico 3: O interesse dos professores sobre o que os alunos percebem ou têm a dizer.



Fonte: Dados do questionário aplicado pelas pesquisadoras (2018).

As observações para a pesquisa nesse quesito revelaram que os professores têm sim considerável disposição para atender aos alunos durante as aulas em questões que estão associadas ao ensino do conteúdo lecionado. Durante o período de observação, notou-se que alguns alunos não participam das aulas nesse sentido. Quando houve momentos em que os professores não se encontraram dispostos a ouvi-los, eram motivados pela necessidade de adiantamento de conteúdos para alcançarem metas estabelecidas pela escola.

Para finalizar o questionário, na questão nove, abre-se um espaço para que o aluno acrescente ou cite algo que ele considere necessário e que não estava previsto nas questões anteriores. Vinte alunos disseram não ter algo a dizer. Nove alunos enalteceram o professor e suas aulas, e, reconhecem que ele contribui para a sua formação. Três acusam o professor de privilegiar alguns alunos em detrimento de outros, mas não apontam especificamente em que sentido. Dois alunos enfatizam que é necessário compromisso tanto do professor quanto do aluno para que haja aprendizagem.

Em observações na sala de aula, foram presenciados diferentes métodos e estratégias do professor buscando a participação dos alunos e um melhor resultado na aprendizagem. O professor procura ter uma boa relação com os alunos, e não foram observados fatos referentes no que diz respeito a tratamento diferenciado ou favorecimento do professor a alguns alunos em detrimento dos demais. O que se nota é que alguns alunos possuem características de interagir e se comunicar mais, enquanto outros são mais contidos no sentido de participar com perguntas e questionamentos na sala de aula. Mas, isso não foi visto como um privilégio ou exclusão de alunos, apenas como diferenças de personalidades.

Como os seres humanos possuem vontades e concepções próprias, o processo de ensino-aprendizagem requer destreza dos envolvidos na sua promoção. O que quer dizer que deve ser planejado, mas modificado assim que necessário, para atender tanto professor quanto alunos (TARDIF; LESSARD, 2010).

Com o objetivo de verificar as percepções de ambos os lados – educandos e educador – sobre as interações educativas, colheu-se informações do professor de biologia da turma. O professor participante da pesquisa possui cinco anos de trabalho como docente. Foi questionado ao professor sobre as posturas adotadas para estabelecer uma relação com os alunos que possam contribuir para o processo educativo na turma pesquisada. Assim diz o professor:

Creio que depende do nível em que se trabalha. Em turmas mais infantis é preciso ter um pouco mais de disciplina enquanto turmas mais maduras é necessário um companheirismo [*sic*] (P).

O docente acredita que as posturas adotadas devem corresponder a quem são aplicadas, como os diferentes níveis de maturidade e de ensino. No caso de turmas com comportamentos imaturos, o professor recorre a autoridade para lidar com os alunos, exigindo bom comportamento e ordem na sala de aula. Já em turmas denominadas mais maduras, busca explorar o companheirismo para interagir com eles. A comunicação e a proximidade entre

professor e aluno, no processo educativo, favorecem a acessibilidade entre ambos, tornando o ambiente da sala propício para a aprendizagem. Em observação na sala de aula, de fato, nota-se o companheirismo, onde o aluno conta com este professor para efetivar o processo educativo.

Nesse sentido, a segunda questão foi: Como você age e fala com seus alunos para que fiquem atentos ao que está ensinando? O professor, então, responde discorrendo sobre abordagens de aulas que as tornem atrativas e criativas, buscando dinâmicas que requerem participação de todos os alunos. Segundo ele, as brincadeiras didáticas movimentam a turma de forma que interajam.

Nas aulas presenciadas, o professor utilizou atividades de grupo, jogos didáticos e dinâmicas como métodos para o processo educativo. Inclusive, algumas dessas ferramentas solicitadas a estagiários da turma. E durante a aula percebeu-se a interação entre os alunos e o professor, e o interesse daqueles em participar das atividades.

Tomar posse de diferentes técnicas didáticas e promover o processo educativo são tidos como uma ferramenta de ensino favorável, na qual o professor pode estreitar relação com os alunos. Dando-lhes autonomia para que assim se sintam seguros para participar na construção do seu conhecimento (ZABALA, 2010).

Questionado sobre as formas de relação estabelecidas com os alunos e turmas, o professor respondeu:

Tenho um bom relacionamento com todas as turmas que trabalho, e também aqui no 3º ano. Para criar uma relação têm que ganhar a confiança, saber negociar com os alunos, assim eles percebem que pode contar comigo. É muito tempo convivendo na sala que chega ao ponto de conhecermos um pouco de cada um (P).

A convivência em sala de aula por um longo período faz com que tanto professor quanto aluno compreendam as particularidades de cada um. Assim, o professor age de forma a conquistar seus alunos com diálogo e parceria. A experiência vivenciada em sala de aula molda as habilidades do professor para lidar com seus alunos, não deixando as particularidades impedir o processo educativo.

O que foi observado em sala de aula condiz com o que o professor menciona. Todo o ensino na sala está fundamentado no diálogo, e mesmo a turma contando com alunos de diferentes personalidades, ele respeita, e pede respeito entre os próprios alunos.

O papel do professor é o de trabalhar com as múltiplas personalidades reunidas em uma sala, e ainda assim promover o ensino. E este professor, nesta tarefa, lança mão das

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

habilidades e técnicas pedagógicas para alcançar a aprendizagem. Dentre essas técnicas está a didática e as interações direcionadas ao processo educativo (TARDIF; LESSARD, 2010).

Perguntado sobre a percepção da relação professor-aluno, ele respondeu que na escola em geral há uma boa relação. Cita que os conflitos que podem surgir, são motivados, em sua maioria, por questão de indisciplina. Para contornar esse desacordo, a escola (gestão e equipe pedagógica) busca dialogar com o aluno. Isto quando for algo de grandes proporções, caso contrário, em sala de aula mesmo o professor resolve com uma boa conversa.

Constatou-se durante o período de observação casos de indisciplina que foram sanados na sala de aula com o diálogo entre professor-aluno(s) e uma dose de autoridade do professor. Fica explícito, então, que não é o bastante dominar o conteúdo, é preciso a maleabilidade das interações para auxiliar nesse processo (SANTOS, 2017).

Ainda nesse sentido, perguntado de como a escola recomenda a relação professor-aluno, o professor limitou a dizer que a instituição não determina ou normatiza os tipos de relação. As interações ocorrem naturalmente, e o professor é quem estabelece e determina o limite.

No sexto questionamento, sugere-se que a escola é um ambiente de grande diversidade de pessoas, na qual há interações e a relação professor-aluno acontece. E com essa diversidade, como o professor trabalha para incentivar a relação entre os demais alunos para um bom ambiente de aprendizagem? Diante dessa indagação, o professor respondeu que solicita que os alunos tenham respeito e gentileza. Pois acredita que são fatores necessários e a base para uma boa convivência. Trabalhando nesse sentido, o professor assume seu lugar de crítico e reflexivo, lançando mão de técnicas de ensino, para estimular nos alunos a empatia e o respeito mútuo (SANTOS, 2017).

Na questão sete, subdividida em três questões A, B e C, questionou-se ao professor sobre as interações das pessoas na escola. Cada uma dessas questões possui três alternativas, sendo: discordo totalmente; discordo em parte; concordo em parte; e concordo totalmente. Na primeira pergunta, o professor respondeu que concorda totalmente sobre os professores e alunos se darem bem. Na segunda, respondeu que concorda totalmente no que se refere à maioria dos professores acreditar que o bem-estar dos alunos é importante, e concorda totalmente que a maior parte dos professores da escola está interessada no que os alunos percebem e têm a dizer.

Sendo assim, nota-se que na instituição, os professores estão voltados para boas interações e que também valorizam seus alunos. A escola procura sempre manter um ambiente harmonioso e seguro, que estimule interações dos seus componentes.

Compreende-se, então, que a escola é um espaço complexo, que envolve não só ensino-aprendizagem propriamente dito. Abrange uma organização de pessoas que estão ali em função do ensino-aprendizagem, mas são pessoas únicas e diferentes. Assim, os educadores precisam conhecer cada aluno, para que possa usar didáticas e métodos que alcancem a todos na produção do conhecimento (FLODEN E BUCHMANN, 1990 *apud* GARCIA, 1995).

O último ponto do questionário ao docente foi uma abertura para que este acrescentasse algo sobre a relação professor-aluno. Assim escreveu:

Acho que não há regra. A relação muda dependendo do aluno e da turma. O importante é fazer uma leitura da situação (P).

Nesse sentido, Tardif e Lessard (2010) confirmam a necessidade do professor em desvendar os seus alunos, interpretando seus comportamentos e expressões. Tendo conhecimento da turma como base, o professor decidirá qual o melhor método e didática que possivelmente resultará numa melhor aprendizagem.

Relacionando a resposta da questão sete do questionário aplicado ao professor, com a questão oito do questionário aplicado aos alunos, há grande concordância. Isso é evidente na resposta do professor e nas respostas dos alunos. Tendo em vista que tanto o professor, quanto a maior parte dos alunos indicam que educandos e docentes se dão bem no que diz respeito sobre “os professores acreditarem ser importante o bem-estar dos estudantes”, e “por apresentarem interesse em ouvir os alunos”.

O processo educativo deve ser considerado no seu conjunto, abrangendo o espaço físico, os instrumentos e métodos da docência, as interações de seus participantes, e todo e qualquer outro fenômeno que possa contribuir ou alterar o resultado do processo de ensino-aprendizagem (TARDIF; LESSARD, 2010; SANTOS, 2017). Percebe-se que o processo educativo é permeado de variáveis. Observa-se a formação docente, o ambiente escolar em que se pretende ensinar, os recursos disponíveis, bem como os métodos, a didática, as estratégias pedagógicas para alcançar o ensino, e as interações entre os partícipes do processo.

Cada um desses fatores tem um peso no resultado final da formação escolar. A formação do professor para atuar na promoção do conhecimento é relevante, tendo em vista que deve ter conhecimento do mínimo possível para exercer seu ofício. Os materiais e recursos que os docentes têm ao alcance para levar adiante o conhecimento podem auxiliar

numa melhora de ensino-aprendizagem, aliado aos materiais, a didática, e artifícios técnicos, recorrer às interações, construindo uma boa comunicação que assiste ao processo educativo.

Cabe ainda a participação do aluno, enquanto uma das peças indispensáveis nesse processo. O aluno colabora com o processo educativo quando tem consciência de que é necessário para seu desenvolvimento pessoal e profissional. A partir disso, vai se envolver nas aulas, participando e experimentando o que lhe é apresentado. Sabendo disso, manterá o ambiente propício para alcançar o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das considerações sobre o processo educativo, este trabalho pretendeu analisar os tipos de interações entre professor-aluno e os impactos das mesmas, tanto no aspecto positivo quanto negativo para a aprendizagem. As interações identificadas foram de respeito, amizade e afeto entre o professor e os alunos da turma pesquisada. Isso se constata pelas respostas dos alunos, e também pelo pesquisador, por meio da observação no cotidiano da turma. Nas respostas e nas observações, nota-se o companheirismo e o convívio harmonioso entre eles.

Inferiu-se que um bom relacionamento e as interações estabelecidas favorecem o envolvimento no processo de ensino-aprendizagem. O professor busca por meio de suas técnicas pedagógicas atrair a atenção dos alunos. Os alunos confirmam que a parceria e a amizade que eles têm com o docente fazem com que estejam mais receptivos aos conteúdos apresentados.

Portanto, mesmo que o processo educativo seja complexo, existem formas que os seus participantes podem adotar que impulsionam o resultado satisfatório da aprendizagem. Além dos materiais e métodos, há as interações citadas e defendidas neste trabalho. Essas interações evitam conflitos, atraem interesse pelos conteúdos, trazem abertura para a segurança de questionamentos que têm como consequência um aprendizado integral. Compreende-se que este trabalho é expressivo para o processo educativo, podendo, assim, a qualquer momento, surgir novas pesquisas ou continuidade a esta.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Formação de professores para uma mudança educativa**. 2. ed. Portugal: Porto, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, 2005.

LEITE, Vicente. Psicologia da Educação. Vol. 1. Disponível em:
<<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2397576.pdf>> Acesso em 19 de novembro de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LOPES, Antônia Osima. Relações de Interdependência entre Ensino e Aprendizagem. In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. (Org.). **Didática: o ensino e suas relações**. 13 ed. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico).

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. A Criança Concreta, Completa e Contextualizada: a Psicologia de Henri Wallon. In: CARRARA, Kester. **Introdução a Psicologia da Educação - Seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

SANTOS, Lílian Gleisia Alves dos. **O processo de produção do saber da experiência no início da carreira docente de professores egressos da licenciatura em Ciências Biológicas do IFNMG - campus Salinas**. Vitória da Conquista: UESB, 2017. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernando Peixoto. Métodos de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **A Pesquisa Científica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, Inês Castro. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. P. 179-195.

VIANA, Meire Nunes. Interfaces entre a Psicologia e a educação: reflexões sobre a atuação em Psicologia escolar. In: FRANSCHINI, Rosângela; VIANA, Meire Nunes. **Psicologia Escolar: que fazer é esse? Conselho Federal de Psicologia**. 1ª Ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ensinar, aprender, pesquisar e avaliar com mapas conceituais. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Novas tramas para as técnicas de ensino e estudo**. Campinas: Papirus, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.